

O MUSEU DO MARAJÓ: VIAGEM, ACERVO E ENTREVISTA COM GIOVANNI GALLO¹

THE MARAJÓ'S MUSEUM: TRIP,
AMOUNT AND INTERVIEW WITH GIOVANNI GALLO

Josebel Akel Fares
Universidade do Estado do Pará

Resumo

Este texto está dividido em três partes. Uma introdutória que fala de viagens, sensações e dificuldades de travessia, indica caminhos, percursos. A segunda parte apresenta alguns aspectos gerais d' O Museu do Marajó, como a configuração física, o acervo exposto e forma inovadora de apresentá-lo, os painéis E, finalmente, o objeto maior deste estudo, que é uma entrevista inédita e integral com Giovanni Gallo (1927/2003), o criador d'O Museu. Nas referências, enumero uma longa bibliografia sobre Amazônia e Marajó, com o objetivo de contribuir com pesquisadores da matéria.

Palavras-chave: Viagem. Museu. Marajó. Cachoeira do Arari. G. Gallo.

Abstract

This text is divided into three parts. The first is the introductory one which talks about trips, sensations and passage difficulties, it indicates ways, routes. The second part presents some general aspects of the Marajo Museum, concerning the physical configuration, the exposed amount and the innovative way of presenting it, the panels and, finally, this study main object, which is an unheard-of and complete interview with Geovanni Gallo (1927-2003), the Museum creator. Along the references, I list a long bibliography on Amazon and Marajo, in order to contribute to this issue researchers.

Keywords: Trips. Museum. Marajó. Cachoeira do Arari. G. Gallo.

¹ Este artigo é resultado de parte de minha tese de doutorado, "Cartografias marajoaras: cultura, oralidade e comunicação", defendida na Pontifícia Universidade Católica/SP, em maio 2003, orientada pela professora Jerusa Pires Ferreira. Na parte referente aos elementos icônicos da cultura marajoara, relaciono "O Museu do Marajó".

1. Uma viagem à cachoeira do Arari e o encontro com Giovanni Gallo

As viagens regulares Belém e Marajó são sempre por via fluvial. Além da possibilidade da viagem direta para alguns municípios, com saída de pequenos portos e em barcos menores, no verão, existem outras possibilidades. Para a região do Arari a entrada é o Porto Camará, em Salvaterra, que se acessa em navios maiores ou em lanchas originários do cais do Porto de Belém, Galpão 9/10 ou em balsas do Porto de Icoaraci². No Camará, há um sistema particular de transportes³ ou a conexão com o ônibus de linha regular, para as sedes dos municípios de Soure e Salvaterra. Portanto, do Porto para as duas cidades, não há muitas complicações, as possibilidades de circulação no espaço marajoara reduzem-se quando a proposta é chegar a outras cidades.

Porto Vasconcelos - Cidade Velha/Belém, fev. 2000. Destino: Cachoeira do Arari. Na sexta à noite saem as embarcações⁴ de Belém, com destino a Santa Cruz

² Icoaraci, distrito de Belém, situado cerca de 25 km do centro da capital.

³ Os carros tipo vans ou kombi, apesar de serem meios de transportes mais dispendiosos financeiramente, proporcionam uma a viagem mais confortável. Este tipo de serviço é agendado diretamente com os proprietários dos transportes, quando se tem acesso, ou nas companhias de turismo.

⁴ Os barcos que viajam pela região são comumente chamados de gaiolas. Embarcações de médio porte, com capacidade entre cem a duzentos passageiros. Normalmente, parentes ou pessoas conhecidas dos donos da embarcação viajam no único camarote, as demais se acomodam em suas redes, armadas interior dos barcos, e deixam suas bagagens embaixo ou próximo a elas. Em geral, se leva corda para armar as redes, pois, algumas vezes, ou não há armadores ou não disponibilidade de lugares nestes. As pessoas que querem desfrutar dos melhores lugares dos barcos, chegam muito mais cedo. As redes de cores e traços diferentes formam desenhos de geometrias inusitadas. As embarcações de pequeno porte são também conhecidas como popopôs. Para algumas regiões do Marajó, como Cachoeira, só se viaja - diretamente, ou em tempo de cheia - neste tipo de embarcação. Para outros municípios ou regiões há navios grandes com melhores acomodações, apesar de que, em geral, quase sempre há o espaço da terceira classe, onde se armam as redes.

do Arari com escala em Cachoeira do Arari. Os barcos Aurélio e a Nossa Sra. da Conceição, e lancha Aruã têm o mesmo destino. No primeiro, não encontro mais vagas para a rede. Entro, então, no outro, penso que por ter o nome de santa, estaria mais protegida. Armo a rede, arrumo a bagagem, me instalo - minha entrada chama a atenção - sou estranha na comunidade viajante.

Rondo o barco, procuro um café. No fundo, ao lado da cozinha, arroz com feijão e macarrão é a janta de alguns tripulantes. A maioria dos passageiros já está acomodada, o barco sai. Um marujo oferece café, aceito (hum...como está doce!). Na primeira hora, irrompe a maresia provocada pela proximidade da Baía do Guajará, o barco joga, as redes balançam e alguém comenta: "Pôxa e ainda nem chegou a baía". Meu coração resfria, relembro outras passagens de viagens por água. Uma hora depois, avivam na memória momentos já vividos, seria agora o último? Olho os salva-vidas presos no teto do barco: de que eles adiantariam ante a imensidão e braveza daquelas águas? Ninguém se incomoda, nenhuma criança chora. As redes, num balanço sincronizado de quase 90 graus, avançam umas nas outras, mas como são armadas em ângulos diferentes, nem se chocam tanto. À direita, sentia uma nos meus pés, enquanto à esquerda me batia, infernalmente, numa viga da embarcação. Agora, sentada, tento o equilíbrio: seguro-me em uma rede desocupada, acima da minha, ainda assim o desequilíbrio é grande. Entre pensamentos funestos, ave-marias, pais-nossos, pedidos de socorro a Nossa Senhora da Conceição e tentativas vãs de acomodar-me melhor, transcorreu-se uma longa hora na baía do Marajó, por onde ninguém passa impune. As três horas seguintes, já no rio Arari, o trecho calmo embala a rede e acalenta o sono, alguns jogam dominó na proa da embarcação.

Três da madrugada. Chegada em Cachoeira do Arari. Poucas pessoas desembarcam nesta escala, a maioria ainda dormirá nas águas calmas do rio, por mais seis horas. Placas de 'Boas Vindas' e o convite 'Visite O Museu do Marajó'

recebem os viajantes. O trapiche conduz à rua, ainda úmida das chuvas, da Pousada Marajó. É hora de ralentar⁵ os compassos do coração.

Esta primeira temporada em Cachoeira acontece no período da cheia e a lama impede os habitantes de circular livremente pela cidade. Atolo-me, contudo insito em conhecer a biblioteca pública⁶, clubes, feira, mercado. Retenho-me n'O Museu do Marajó, referência básica. Entrevisto Giovanni Gallo.

Primeiro fizemos uma breve visita ao Museu, depois fomos ao encontro do seu diretor-criador e marcamos uma entrevista para o período vespertino. O encontro com o Gallo aconteceu na casa dele, ao lado d' O Museu do Marajó. Lá, em 26 de fevereiro de 2000, eu e o professor Guilherme Fernandes⁷ iniciamos a entrevista que agora apresento. Esta primeira viagem de pesquisa durou uma semana e passei grande parte deste tempo no Museu, ora conhecendo e anotando dados, ora desfrutando das agradáveis conversas com Giovanni Gallo.

2. O Museu do Marajó

O Museu do Marajó é uma criação de Giovanni Gallo⁸, inaugurado em San-

ta Cruz do Arari⁹, local onde o pesquisador inicia a coleta e a pesquisa dados, com a colaboração decisiva da comunidade daquele município. O Museu constitui o maior acervo sobre o Marajó, existente no Brasil, quiçá no mundo. Tempos depois da instalação, devido a problemas políticos, a instituição transfere-se para Cachoeira do Arari, a convite da prefeitura da cidade. É cobiçado por Soure.

Hoje, ocupa uma extensa área de bosque e pântanos da Prefeitura Municipal de Cachoeira, que também contrata os funcionários do Museu. O município se orgulha deste patrimônio, mas seu idealizador não acredita, pois garante que o maior reconhecimento vem das pessoas de outros lugares do Pará, da Amazônia, do Brasil e do mundo.

A pesquisadora ali aciona lentes e filmes mais sensíveis, o olhar perscrutador clica em panorâmica e passeia pela cultura marajoara, exposta no enorme salão de exposições, que conta a história dos índios, que ironiza o branco colonizador, que defende os negros, que fala, fala e fala do caboclo marajoara: do vaqueiro, do pescador, da língua, das linguagens, do modo de vida, dos utensílios, da tecnologia, dos medos, das lendas e, principalmente, da cerâmica marajoara. (Apesar de toda boa vontade, nenhum pesquisador alcança, mesmo em panorâmica, o imenso volume de informações).

O material é exposto de forma interativa. Nunca vi maneira mais inventiva de apresentação, nem Louvre, nem Prado, nem Museu de Arte de São Paulo/MASP, nem Goeldi, nem Museu de Arte de Belém/MABE, nem, nem... Portas que se abrem, alavancas que rodam, fios que se puxam, tabuletas que viram, piões que giram, tudo feito artesanalmente, tudo criado para que o visitante

⁵ Este verbo tem o mesmo significado que ralear (tornar ralo, menos compacto, menos denso). Emprego-o no sentido de diminuir o ritmo, como tenho ouvido em várias ocasiões.

⁶ Na visita à biblioteca, recolho alguns poucos dados sobre Cachoeira, que preciso anotar, pois não há copiadoras, ou outro recurso tecnológico facilitador na cidade. Impressiona-me, sempre, o acervo bibliográfico de qualidade excelente, mas sem utilidade, pois o município não disponibiliza local para consulta e nem para acondicionar os livros devidamente. As prateleiras em compensado vergam, as estantes de madeira de lei são invadidas pelo cupim, e as estantes de ferro enferrujam. Os livros fecham suas portas, o Estado é indiferente à situação. A auxiliar de biblioteca lamenta e espera conformada por soluções externas.

⁷ O professor José Guilherme Fernandes, da Universidade Federal do Pará, também estudioso das poéticas orais, acompanhou-me nesta primeira viagem. Naquele momento, ele procurava definir o objeto de sua tese de doutorado.

⁸ A experiência de fundador e de administrador do Museu está relatada no livro *O homem que implodiu*.

⁹ Santa Cruz do Arari, cidadezinha da região do Arari marajoara, com 5264 habitantes, e uma área de 1079,5 km².

se movimente inteiramente. Por trás dos fios, das portas e das alavancas, a informação é mostrada com simplicidade, seriedade e, sempre que a matéria propicie, com muito humor, além da instigação constante aos que manipulam os informes.

No salão de entrada tem-se uma mostra do que se verá no interior: motivos marajoaras em bordado, em serigrafia, alguns livros à venda, informes - que só se tem ao manipular os "computadores artesanais". Há ainda cartazes de pedido de ajuda, solicitação de sugestões, um espaço destinado às escolas e o balcão com os escaninhos para as bolsas e para venda dos ingressos. Os painéis e as plaquetas da entrada esclarecem sobre o acervo e outras questões:

O homem é a nossa peça mais valiosa. A nossa maior preocupação é coletar as informações que estão dentro e atrás das peças para descobrir o homem marajoara.

– Quantas são as peças d' O Museu do Marajó?

– Desculpe, este não é um acervo de peças e sim um banco de dados.

No painel O Museu começa aqui, uma explicação inusitada quanto à idade das peças:

– Quantos anos tem a peça mais antiga do Museu?

– É da era mezozóica, período jurássico (escala do tempo geológico)

– Qual é a peça mais nova do nosso Museu?

Para saber a resposta, levanta-se uma tabuleta, onde se encontra um espelho e o espectador se mira e lê a inscrição: "É você".

Ao entrar na primeira parte do salão de exposição, o visitante depara-se, entre outras coisas, com informações sobre vocabulário tupi, ainda em uso no Marajó, com dados de alguns pesquisadores importantes para a cultura marajoara, e com acervo em cerâmica: peças de vários tamanhos, formas e idades. Alcançam-se eras indígenas através de sua produção material, enfileiram-se as nações: uma pesquisa das peças ar-

queológicas e de estudos teóricos acerca do assunto.

Depois da cerâmica, assuntos mais variados possíveis: utensílios domésticos de antigamente e suas transformações; a imagem do caboclo marajoara, confeccionado em tamanho natural, com seus equipamentos; o vaqueiro marajoara e o nordestino em comparação, também em tamanho natural; o esqueleto de um cavalo; um cavalo embalsamado (com a inscrição "este bicho está ruim, velho, trocaremos em breve").

Os instrumentos de tortura dos negros sobrepõem-se na ala dedicada à cultura afro-brasileira. Utensílios, como os usados para os escravos comer, ditados, relatos, fotos, um dossiê sobre a discriminação contra a raça negra encontra-se nesta seção.

No mezanino, a cosmologia do caboclo abre mais espaço para as curiosidades: o bezerro de duas cabeças, as lendas, os orixás, coisas que o povo diz... No painel "As Lendas Amazônicas", pequenas plaquetas, anunciam o seu conteúdo informativo. Ao levantá-las, o voco-visual conta as histórias por meio de textos escritos e das protagonistas retratadas em cerâmica, num cenário construído com materiais regionais. Ali encontro uma versão da Vaca branca do Lago Guajará, que procuro e analiso posteriormente.

No Painel "Homem versus Bicho/ Coisas que o povo diz", vejo explicações para cosmogonias inscritas em discursos como: o jandiá vira sapo, o bicho que nasce do tucumã, caranguejo morto que ressuscita... Registro:

Os peixes nascem do limo. É um mistério intrigante, para todos os caboclos, e que se repete todos os anos nos campos do Marajó. Como todo mundo sabe, esta área fica alagada durante o inverno, quando os peixes vão aí desovar, tendo fartura de comida e maior defesa contra os predadores. Chegando o verão, a água sai dos campos e vai para o lago Arari e os igarapés e rios

vão descer na baía. Acontece que uns poços, no meio dos campos, ficam isolados e aos poucos secam, até a terra rachar: naturalmente, todos os peixes morrem. No inverno, vem a chuva e os poços se enchem d'água, sem, porém, ter comunicação com os rios. De repente, aparece o mistério: nos poços aparecem peixinhos novos. E como se explica se aí não chega peixe para desovar? O caboclo encontrou uma resposta fácil: nascem do limo. Será que é a verdade? Não, sim senhor! É obra dos passarinhos que tomam banho onde estão os ovos boiando, carregando uma parte no corpo, depois vão tomar banho nos poços e deixam os ovos que eclodem e geram os peixes. Tá claro agora, não é?

A Casa do Caboclo Marajoara, anexo ao Museu, ruiu, resta-lhe apenas o esqueleto. Nela, a intenção de registrar a cultura material - a casa de farinha, os utensílios domésticos - e a mentalidade do caboclo - mudas de plantas com suas simbologias, como o peão roxo para proteger o espaço, espantando os malfeitores, desmoronou junto com as paredes. No interior do Museu, as peças, ainda em exposição, estão sujeitas às intempéries do tempo, o telhado precisa de reparos urgentes, as goteiras deterioram o acervo¹⁰.

Finalizo este brevíssimo relato com a transcrição de um lamento encontrado numa das placas do Salão de Entrada:

Desculpe-nos por não podermos

apresentar um museu digno da sua visita, pois não temos recursos próprios, patrocínios ou convênios que nos ajudem a sobreviver. Aproveite bem, pois talvez esta seja sua última visita.

3. Entrevista com Giovanni Gallo

Nome:

Giovanni Galo¹¹ (Itália/1927 - Cachoeira do Arari /PA 2003);

Atividade:

Diretor do Museu do Marajó;

Local da entrevista:

Residência do entrevistado, o lado d'O Museu do Marajó

Data:

27/ 02/2000, das 16:00 às 17:00h.

Entrevistadores:

Josebel Akel Fares (JF)

e José Guilherme Fernandes(JG)

Transcrição:

Josebel Akel Fares com revisão de Giovanni Gallo.

JG: Na condição de estrangeiro e observador atento da cultura marajoara, como é que o senhor vê a Cultura Marajoara, a cerâmica, a cultura do caboclo, qual a importância do que foi deixado pelos indígenas marajoara e como isto é visto hoje em dia?

G: Acho que fica difícil individuar uma certa cultura marajoara, porque o influxo dos índios, acho que é muito remoto e a gente tem idéia muito vaga, não se tem nenhuma referência. De vez em quando aparecem artigos, como um no "Liberal" que dizia ter em Cachoeira uma velhinha que possuía uma fotografia de "gente pela-

¹⁰ Na viagem de setembro, do mesmo ano, encontro o telhado do Museu em obras. Em 2002, a casa do caboclo está em funcionamento. Além disso, Gallo informa-me que já pode morrer tranquilo, pois o MM, de certa forma, passou a integrar o Museu Emílio Goeldi e já havia, inclusive, uma estagiária do MPEG trabalhando lá, como parte do acordo firmado entre as duas instituições.

¹¹ Criador do Museu do Marajó, em Sta Cruz do Arari, transferido depois, por problemas políticos, para Cachoeira do Arari. Italiano de nascimento, ele mora no Marajó há 28 anos, portanto, veio em 1972. Publicou duas obras em que analisa sua função pastoral e sua experiência no Marajó: Marajó: A ditadura das águas (Belém/PA: Secult,1980) e O Homem que implodiu (idem, 1996).

da", há poucos anos atrás. Perguntei, ninguém sabia de nada. Tinha um velho que dizia que era índio, filho de índio. Mas, praticamente, acho que isso tudo desapareceu. Por exemplo, uma técnica de cerâmica não existe, aqui não tem ceramistas, há pessoas que se lembram que em casa faziam algumas cerâmicas, com estes elementos naturais. Agora, nós estamos pesquisando, procurando recuperar, mas não tem uma continuidade, uma ligação. E como costume? Não sei, só aquela mentalidade característica não só dos índios, mas um pouco do ambiente primitivo: na economia, que não tem planejamento a longo prazo, pelo fato que ele, o índio, não precisa, ele vai dia por dia, não entendem porquê devem guardar as coisas, ele pode até entender, mas está acostumado assim. Então, o pescador na safra ganha, ganha bem, daria não para viver de luxo o ano inteiro, mas para sobreviver decentemente, mas no dia que termina a safra, ele já não tem mais dinheiro. Agora, pode ser, mas o que tenho na minha lembrança, que já é um pouco ultrapassada, porque acho que isso é bastante forte e não tem mais aquela fartura de antigamente. Mas, no meu tempo, quando estava no Jenipapo, acontecia durante o Círio, bebia, bebia, quando não cabia mais dentro tomava um banho de cerveja, acho até que hoje já não se faz mais. Isto porque além da coisa do passado, há o interesse para assimilar o que vem de fora. As tradições, as festas, como um conjunto de paue-corda tocando, ninguém aceitaria uma coisa dessas, agora se tem uma ambição que é para o "treme-terra". Começou com a vitrola e já tem aparelhagem, para voltar atrás e ver como se fazia as festas no interior, tomava-se cerveja ao natural, agora ninguém faria mais isso, porque já se tem outros meios... Uma característica exclusiva, eu não sei se existe.

JG: Ainda hoje existe o simbolismo do homem face à natureza. Como é que o caboclo vê essa inseparabilidade homem X meio, isso ainda exis-

te, isso é forte?

G: Acho que diminuiu muito. Esse fato, do amor com a natureza, é mais um estereótipo. Por exemplo, quantas vezes discutia sobre o desperdício, quando estragava muito peixe, e chegavam me diziam: "você não é daqui, você não entende, o peixe nunca acaba". Então, esta coisa que digo agora, está no livro de João Viana¹², de mais de 50 anos atrás, conta a história de um pescador que pegou um pirarucu, e o colega disse: "esse não, é um peixinho". Depois, é uma mentalidade muito individualista, no sentido que não existe uma colaboração automática. Há um ditado que diz que "dois japoneses fazem uma cooperativa, três alemães fazem a guerra e quatro brasileiros fazem uma escola de samba". Aqui, na necessidade da pesca, tem que se pescar juntos, mas há todo um jogo de empurra, de um enganar o outro. No meu livro¹³ tem um capítulo Todo mundo enrolando, pois em toda cadeia de produção um é preocupado de enganar o outro, não existe uma solidariedade, quando você vai tentar fazer uma horta comunitária, em todos os casos que eu vi, nunca deu certo. Tenta freira, tentam... é o ambiente aqui, eles não sentem essa coisa.

JG: Essas coisas passaram a acontecer porque, provavelmente, o homem ficou mais urbano e, com isso, mais capitalista.

G: Eu disse uma frase que depois foi citada por uma jornalista, eu até tinha esquecido, o Marajó ainda está em fase de gestação, mas já começaram as dores do parto. Parece uma contradição, mas representa bem esse dia, o passado e o presente se misturam, se chocam e acaba não sendo nem

¹² Refere-se a obra "A Fazenda Aparecida", 1ª.ed. Belém/PA: Falângola, 1955/ 2ª. ed. Belém: Secult, 1998.

¹³ "Marajó: a ditadura das águas". Belém: Secdet, 1980.

uma coisa, nem outra. Agora muitas coisas mudaram, por exemplo: o sentimento de rejeição aos negros que havia antigamente, agora está diferente. Quando eu fazia um desfile da pátria, era impossível eu pegar um negro, um pretinho que fizesse o papel de escravo, não aceitavam, tinham vergonha, tinha que pegar o branco e pintá-lo de preto. Uma moça que ia para festa, necessariamente, se borri-fava de talco para parecer branca, aquela mania de alisar o cabelo, agora esta já não tem mais. Você vê as duas culturas, a de ontem e a de hoje, a cultura do interior e da cidade através da televisão. No meu tempo¹⁴ não existia televisão, chegou muito mais tarde, depois de dez anos e tanto. É sim, quando me mudei de lá, já tinha aparecido, mas só nos últimos anos. Então, o pessoal já assume outras atitudes, pensa que as coisas que faço no Museu não têm uma grande aceitação, porque o pessoal pensa... - a não ser umas pessoas mais esclarecidas, que trabalham mais comigo; que aceitam - acham que é tudo bobagem:

"Negócio de botar uma poronga... O que? Isto é uma coisa velha".

"Ora uma coisa velha... Essa é a nossa história"

Para eles, não interessa mais. Há uma separação, uma rejeição do passado procurando ser moderno. Então, você vê, essa pessoa não tem comida, mas quer aquele produto, aquele cosmético que viu a propaganda na televisão. Há uma confusão de valores.

JG: E nessa relação o antigo e o novo, onde ficam as histórias populares, como é que o Sr. observa a persistência ou não delas?

G: É difícil, porque praticamente falta o ambiente para contar histórias, a televisão matou tudo, ninguém mais se

fala. Antigamente, como dizia Paulinho¹⁵, o pai dele botava criança para dormir, chamava alguém para contar histórias. Agora, não é mais necessário isso. Também se ainda existisse este homem com um repertório fantástico, não saberia a quem contar, pois ninguém o escutaria. Eu digo: o meu problema psicológico neste ambiente, qual é? O isolamento. Eu tenho amizade, mas agora estou isolado, porque estou com perna bamba, porém, eu digo, podia entrar em qualquer casa, mas acontece que quando eu entro numa casa: "Giovanni senta ali, senta na poltrona, essa aqui que é mais cômoda, vamos ver a novela". Nunca pensaram em desligar, isso é um absurdo. Eu conheço uma ou duas pessoas, que freqüentava mais por causa disso, não estão ligadas em novelas, dava para conversar. Então, faltou o pressuposto para contar histórias, as histórias são histórias do Vapt-Vupt, história do Chico Anísio e as piadas que dizem lá. Por exemplo, quando cheguei aqui, eu tive a impressão que não existisse esse modelo literário da piada, não entendiam piada, tinham algumas, mas eram piadas grosseiras. Um cara que me impressionou aqui: tinha um colega que era baiano, era um tipo muito cômico, e teve um encontro de comunidade e ele foi lá contar história e foi um gelo, na hora de sair ele tropeçou, caiu e aí foi um...(risos). Quando fazíamos as peças de teatro, a preocupação era, o modelo era torto na cara e queda e só, tudo ia acabar lá, o pastelão. Então, eu digo não existe mais o ambiente nem para contar, nem para ouvir e falta também o tempo, a televisão não desliga nunca. O problema aqui, nestes lugares, é que a televisão chegou antes do sanitário. A parabólica agora é muito banalizada.

¹⁴ Refere-se à época em que chegou ao Marajó e ao tempo que viveu em Sta. Cruz.

¹⁵ Paulo Câmara, funcionário do Museu do Marajó. No dia anterior, conversou conosco sobre sua experiência de ouvir histórias na infância.

JF: Mas nesta relação com a natureza como ficam os medos, os tabus, eles ainda existem?

G: Ah, sim, aí é um submundo, todo mundo acredita, mas não se manifestam. Aqui, os meus colaboradores parecem pensar como eu, mas quando tem um problema, levam pro pajé. Ainda acreditam.

JF: É uma sobrevivência então?

G: Uma sobrevivência latente, disfarçada, mas existe muito. No Marajó, existe muito, a mulher que puxa a reza para N. Sra., quando tem um bate pé, ela vai lá com o pajé. Eu posso dizer o nome: Fulano, Fulano, Fulano..., mas é um mundo que não se revela muito, de fato, em certas coisas. Eu passei anos em Sta. Cruz e não compreendia a existência do pajé em Sta. Cruz. Se a gente pergunta, eles dizem não. Mas, depois, você vê que na hora "agá", ele vai, tem a filha... Agora interveio outro fator, são os crentes, que é um outra forma de pajelança. Tinha uma moça aí, uma mãezinha nova, inexperiente, não esvaziou bem o seio de leite, então deu aquela reação, apodreceu um seio, ela não sabia tirar todo o leite, era o primeiro filho, apodreceu. E era uma coisa horrível, veio o pastor da igreja, aliás assembléia, e disse: "isso aqui é uma espécie de vírus do câncer"(ora, o câncer não tem vírus), "uma espécie de vírus do câncer e foi introduzida por uma ação ruim, de diabo etc". Ele disse: "se foi introduzido por uma pajelança, eu vou fazer outra pajelança". Eu disse: agora não pode mais, não tem mais reza... Peguei, botei ela no carro, levamos para Belém, fizeram o tratamento, ela ficou boa. Aqui, esse submundo tinha, existe. Por exemplo, o tajá-soldado, o peão-roxo, eles acreditam, eu tenho o peão por brincadeira, eles têm para se proteger.

JF: E por que eles não se manifestam? Medo? Vergonha?

G: Não. Veja bem, eu sou sempre um ser estranho, um homem que veio de fora e eles têm medo. Na pesquisa, eu tenho uma vantagem, posso fazer

comparações. Então, se vejo uma coisa que me estranha, pergunto.

Senhora, o que quer dizer nasceu empelicado? (pergunta à pesquisadora)

JF: Com a placenta.

G: E quais são as conseqüências?

JF: Ah, tem muitas. Eles nascem com poderes. A pessoa vira bruxa, as matintas pereras podem ser mulheres que nasceram empelicadas. Tem muitas explicações...

G: Aqui não. Aqui, quem nasceu empelicado, é uma pessoa que tem sorte, é um tipo meio desaparafusado, que arruma confusão, mas sempre se salva numa boa. Ora, se é por causa da placenta, toda criança nasce com a placenta, antes ou depois de sair. Então, eu fui ver em italiano uma expressão nato con la camisa (?) , nasceu com a camisa. E, lá na Itália, quer dizer homem de sorte. De fato, tinha um comercial que dizia: "Você nasceu com a camisa, mas, desculpe, nasceu com a camisa desta marca e não empelicado". Somente que lá na Itália - fui depois procurando para fazer a comparação - nato con la camisa é a pessoa que tem a capacidade de ser curandeiro, de curar as doenças, aquele que costura rasgadura, a mesma coisa daqui.

JF: Por isso que falei da relação com as bruxarias, com a pajelança...

G: Esse tipo de coisa que são o mal olhado, olho-gordo, que não pode olhar para criança que é perigoso, que a criança adocece. E essas pessoas que aparentemente se dizem já "curadas", comigo, em um minuto de descuido, se revelam. Agora, é preciso para fazer isso, não eu, de fato eu insisto muito. Lá em Jenipapo, me ajudava muito com as pessoas. Eu vou perguntar (dirigindo-se a mim): Senhora, é possível fazer um remédio com cocô? (risos). É o jasmim de cachorro, é o cocô de cachorro branco que fica no sol, é um remédio que toda a velha geração tomou, remédio contra sarampo, contra papeira. Havia um chá, chá de barata...Então, esse tipo de conversa, eu nunca posso fazer,

porque eu sempre sou considerado aceito e não aceito, para mim, para poder ter mais entrada, preciso de uma situação diferente. Como, por exemplo, na pesca: a gente ia lá pescar no interior, nos campos, passava 22 dias num barquinho nós três, dia e noite, então, a gente se abre. E tinha lá quem contasse de fantasma, de visagem etc. Por ali, não há mais a barreira do destaque, naquele momento nós nos sentimos da mesma categoria, aí não é difícil que se abram.

JG: O Sr. percebe que há sempre uma explicação científica para aquilo que supostamente é sobrenatural?

G: Há sim, eu acho que em todas as coisas. Vou lhes contar um negócio, que no fundo é um fato mágico: botar a vela dentro da cuia e soltar na correnteza para encontrar um afogado. Explica-se pelo fato de que há correnteza em cima e correnteza embaixo, se tem um remanso em cima, é fácil que a correnteza embaixo tenha um remanso e o corpo ficou lá, apesar de que não seja universal a resposta, porque, por exemplo, se o corpo ficou engatado num galho lá no fundo e a vela continuou andando... Mas relação existe, é o fato de saber interpretar. Na cosmologia do caboclo, ele inventa coisa, porque não tem capacidade de encontrar uma explicação científica, por exemplo: o jandiá que vira sapo. Eu digo que se o jandiá vira sapo, eu não tenho de estranhar que o boto vire gente, porque eu vejo que o jandiá vira sapo, pelo contrário é um elo de salvação que o sapo juí é uma coisa e o sapo é outra coisa, que aquele que você considera de sapo juí, de jandiá, não é o jirino do sapo juí, que é um jirino especial, que em lugar do (?), na forma de adulto quando crescer e continua na forma larval até este tamanho, aquele ponto então encolhe o rabo, e aparecem as pernas e depois eles (?), mas ele vê um fato, então faz a comparação: se acontece ali, acontece aqui. O caso da geração espontânea, como falava dos peixes na lagoa, no poção, para eles é uma expli-

cação, porque não tem outra. E, também, a arraia, eu ouvi na televisão, outro dia, algo que dizia: "a arraia, devia se permitir à exportação, porque não serve a nada, só faz mal a gente e não se come". Se come sim, só que o pobre é luxento por natureza, se vai a um curso, a um hospital, quem se queixa da comida é o pobre. Uma vez, fiz uma viagem à Inglaterra, estava em Londres, com pouco dinheiro e pensei: vou ao porto. Cheguei lá, tinha uma baiuquinha, vi o cardápio, não entendia nada, peguei o prato mais caro, era arraia. Mas, quando lanceava aqui, pegava 20/30 arraias e jogava todas na beira para o urubu comer. Quando penso até 30 anos, agora é pouco, volta há uns 50 anos atrás, o pessoal não comia tamuatá, simplesmente jogava fora, depois com uma certa luta, os geleiros começam a aceitar, com uma condição: você trazia uma tonelada de aracu e três de tamuatá, pegava uma e uma, as duas jogava na beira. Agora que comem, comem até rabeca, carne de jacaré, no tempo do exterminio, não comiam, no máximo um pedaço de rabadá e nada mais, o que é isso?

Uma vez, eu preparei um muçum, o muçum é parente da cobra-d'água, enguia na Europa é um prato muito apreciado, e o muçum tem um parente parecido com o de lá, o capitone, capitone quer dizer cabeça, de fato, o muçum tem a cabeça grande. Eu disse que tinha recebido um pacote da Itália, que tinha um enlatado e todo mundo comeu, dois dias depois disse o que era e era mais quem queria vomitar, é uma rejeição, são os tabus, né? Na nossa terra, quando criança já não havia mais, devia ter antes, por exemplo, não se podia beber água depois do sorvete, depois de ter comido cereja. Aqui têm muitos, então, tem que ter um certo cuidado, falando com eles, de não fazer besteira, porque pode fazer mal, mas por causa da auto-sugestão. Eu ia visitar um doente que estava na boca do lago e terminando a missa, botava

um pé de pato e nadava no rio e ia lá até a boca do lago, chegava lá conversava, tomava café e quando dizia: vou volto para casa, e eles retrucavam: "pelo amor de Deus, não se vá na água, tomou café, até um respingo de chuva faz mal". Eu disse: a mim não faz mal, mas você não faça, pra você faz mal e de fato ia-me, levantava. Tinha um padre do sul, alemão, dizia que lá comer uva com melancia era veneno. Ele foi para o Japão e no 1º dia que sentou na mesa tinha uva e melancia. Isto aqui dos tabus, da comida "reimosa"... Agora, apareceram outras formas de tabu. Por exemplo, mulher operada, quando fez a ligação das trompas, durante toda a vida, operada por antonomásia, passa dez anos e a mulher está comendo o seu pirarucu, a outra diz: "eu não posso comer, sou operada". Quando? Pergunto. "Há 12 anos atrás", responde. Isto também de uma certa forma é um tabu ...a cabocla tá menstruada, a mulher operada não pode lavar o chão.

JG: E esses tabus estão mais ligados a que? Alimentos? Locais?

G: Tem de tudo, lá tem uma série grande¹⁶, só que são todos de Sta. Cruz, aqui, não consegui, já tentei. Lá foi tudo mais fácil, a comunidade se envolveu, aqui recebeu um presente e tudo que, socialmente, é dado, não vale nada. Agora, estão já, por que? Porque você vem de S. Paulo pesquisa, vem um gringo, vem um outro e pensam se é assim, talvez valha a pena. Começam também nas escolas, por incentivo dos professores. Tem os tabus alimentares, religiosos. No dia do cão, que dia é? 24 de agosto, não se pode fazer uma série de coisas... Depois tem um fato que a comunicação aqui no interior é, vamos dizer, ambivalente. Num certo sentido, não

existe segredo no Marajó, tem um serviço de informação 100%. Por outra parte, tem um serviço de informação fantástico que inventa. São os dois extremos.

Em Sta. Cruz, uma vez aconteceu um fato impressionante, que um camarada, lá nos Mocoões, saiu de casa para apanhar açaí, encontrou uma velhinha:

– "Você vai aonde?"

– "Apanhar açaí".

Ela disse:

– "Não pode, hoje é dia santo, dia de Santa Luzia, não pode".

– "Não, eu vou apanhar, que nós precisamos para comer".

– "Mas não pode".

– "Mas eu vou".

Foi lá trepou na árvore e caiu, se enterrou. Ficou enterrado lá dentro. Vieram os colegas, tiraram, jorrava sangue de toda parte. Depois chamaram o padre, o padre tirou retrato. Todo mundo vinha na minha casa, porque eu teria tirado o retrato. Me dizia: não me façam esse desaforo, me mostra o retrato, porque esse é meu compadre. E dizia: eu não fiz, não existia o fato. Depois fui conferir no lugar, ninguém sabia da história, nasceu não sei de que forma. Então, essa transmissão das informações é ambivalente.

JF: Mas deve ter acontecido algum fato que se assemelhasse, diz o ditado popular que "o povo aumenta mais não inventa", não é certo?

G: Geralmente sim, neste caso não consegui descobrir alguma história contada. Quando quiseram localizá-la não deu certo, naquela ocasião o vigário de Sta. Cruz era só eu.

JF: Escute como é aquela história da santa da fazenda do Arari, que cortaram o dedo para tirar o anel e o homem criou rabo?

G: Não sei, sempre ouvi esta história lá, que também tem a cobra, que aparece debaixo do rio, a cobra está debaixo do altar. Aqui, tem uma história minha pessoal. Quando eu soube disso, muitos anos atrás, são 20 anos atrás, então, eu digo: vou lá e vou desvendar esta história. Preparei a máquina

¹⁶ Refere-se a uma seção do Museu, que tem uma recolha com os tabus da região.

fotográfica, preparei o gravador e fui lá. Quando me encontrei lá, vi que não tinha ambiente, a coisa não dava, então voltamos para casa. Voltando para casa, emborcou o casco e nos alagamos e aí eu me salvei, foi meu primeiro naufrágio. Perdi o gravador, perdi a máquina fotográfica, perdi as lâmpadas e depois perdi o interesse para pesquisar esse negócio. A fazendeira dizia: "Graças a Deus, não houve prejuízo". Não houve prejuízo para você, que você até poupou gasolina, nos largou no meio do mato, era perto do Tuiuiú; tinha que desmontar o motor para limpar da água, não tinha chave de fenda, a fazenda não tinha, nós passamos lá um dia esperando uma geleira.

JF: Lá no Museu tem a história da vaca branca e do boi ruço, o Sr. se lembra delas?

G: Faz muitos anos que fiz a pesquisa e nunca mais...As coisas mais recentes a gente esquece, você lembra coisa do jardim de infância. Estava pensando agora, estava lendo um capítulo de um livro que falava da minha hospitalização lá, da outra vez. E, dessa vez dizia: eu memorizo bem a 1ª vez, a 2ª que era já em condições diferentes tive que refletir, refletir: a 1ª vez era assim...Onde estava há um mês atrás? Já não me lembro mais. Aí, a Fazenda Guajará tinha duas ou três versões, eu tive que fazer uma escolha, fiz uma coisa que nem me lembro, dos encantados...

JF: Me refiro a da novilha branca, tem uma versão lá no Museu, conta a história da moça que pedida em casamento por um príncipe encantado e não aceitou, se ela aceitasse, desencantaria o rapaz. Mas, como isto não aconteceu, abriu-se um buraco na terra e ali nasceu o Lago Guajará. É um mito cosmogônico. Esta versão está registrada lá.

G: Tem outra de um boi de quatro chifres, eu não me lembro mais, depois tem a do boi ruço... Eu já pedi a esses rapazes da escola, agora sempre que eles precisam de alguma coisa, eles caem aqui, vou insistir um

pouco que ajudem nessas coisas, nesse tipo de história. Se eu vou com uma velha (primeiro não tenho tempo), ela não me conta. São eles que vão poder recuperar essas histórias¹⁷.

JF: E a questão das águas, das secas, e "a ditadura da água"? Eu gosto muito do título desse teu livro. Como funciona aqui no Marajó?

G: A água que domina, que regula a nossa vida. Eu falo do Marajó nosso. Você sabe que tem dois marajós completamente diferentes. Marajó oriental é a área dos campos do Marajó, que são alagadiços, e a área do mato, de Muaná para cima, que é mato, floresta e não tem nada a ver com o nosso, tem uma vida completamente diferente. Aqui, a vida do campo, tem uma expressão diferente, por exemplo, sabe o que é a ilha no Marajó, o que é uma ilha? A ilha aqui é o único lugar... De fato, teve um americano pesquisador, queria saber da ilha que está no Lago Arari. Eu disse: no Lago Arari não tem ilha nenhuma. Ilha é um grupo de mato que está isolado no meio do campo. Mas uma ilha, como a de Mazagão, acostumado no conceito normal, a ilha é uma terra no meio das águas. Aqui é o mato no meio do campo Mas você. tinha perguntado o que?

JF: Das águas, dessa ditadura das águas?

G: Das águas. Bem, nesta área aqui que tudo condiciona, porque você tem uma estrada, a estrada é ótima no ve-

¹⁷ Uma conversa paralela:

JF: Eu tenho algumas que eu coletei no Programa de Pesquisa da UFPA, as que tenho digitadas vou te mandar, via e-mail.

G: Não manda como anexo. Mandar como demora. Ontem, eu tinha aquele depoimento na Câmara, eu em lugar de mandar somente continuado, sem formatação, fiz tudo bem formatado, com cabeçalho etc., para passar 3 páginas, demorou 15 min. Eu tinha 19, eu vou morrer de fome, aí eu digo: pára, pára. Eu tirei, tirei a formatação e mandei como se fosse continuado, se ele quiser formata por conta própria, assim vai mais rápido.

rão, no inverno não presta mais. Uma casa, a casa que você faz, até quando a água não existe condiciona, aquela fotografia da capa do meu livro, vê aquela casa caneluda, que sentido tem? Tá no seco, mas ela te lembra, quem manda aqui é a água: "dentro em pouco, eu vou chegar e vou condicionar vocês". Assim, a vida praticamente, a pesca é ligada com a água. Agora, aqui, vamos para a destruição total, porque não tem mais controle de pesca, não tem mais a estação de pesca, abertura de pesca. Naquele tempo, vinha o governador. Começou com o Barata, fazia-se uma grande festa no Jenipapo; depois, o Fernando Guilhon, e, depois, tinha o Alacid.. Eu me lembro, vinha o dia da abertura oficial da pesca. Agora não, eles pescam no tempo da piracema, então vão praticamente destruindo tudo. Então, é uma vida social também, que é determinada das águas, água alta, água baixa, se pesca ou não se pesca.

JF: E a sobrevivência desta área do Marajó?

G: Ficarà cada vez mais difícil.

JF: Mas ela se dá em função da água também, por que se dá em função do peixe, não é?

G: A questão do peixe aqui não influi muito, porque os pescadores aqui vivem do funcionalismo, um funcionalismo que não funciona. É muito sério, porque se você passa por aí, é gente que está bebendo, é gente que ganha 120, 130 por mês, ou menos, com 3 ou 4 meses de atraso, mas vê o que eles bebem. De botequim que vende cerveja, são dezenas e dezenas e dezenas. Basta ir ao mercado, são 30 boxes, 17, 18 são só bebida. Então, é essa a vida. Por exemplo, a vida da fazenda, a fazenda é estruturada na base da água, não é a fazenda que está na estrada, ou o campo, que deve ter uma parte baixa, que tenha mais possibilidade de ter uma reserva de água durante o verão, a parte alta para agasalhar o gado quando a água é fresca. Uma coisa que o outro não tem, nós já te-

mos uma estrutura de fazenda em função da água que vai e que vem, e, depois, a pesca que vão num certo período e no outro. É isso, é assim tudo condicionado.

JG: Mas como determinante de um ecossistema, ela tanto pode ser maléfica como benéfica. Como é que o caboclo vê essa relação, ele aceita, ele se subordina à água?

G: Ele aceita, ele não encontra o deságio nessa coisa. No meu livro tem a fotografia dos meninos que fazem a casinha no arraial. São meninos que passaram o inverno dentro de casa sem poder fazer uma corrida, só na ponte e, se for na ponte, o cachorro corre atrás. Então, quando aparece a seca, tinha a tradição de começar a fazer a casinha e fazer a cozinha, (...) dá uma batatinha, dá um sorvete e tirei o retrato, é isso aí - um tipo de brincadeira que nenhum (...) vai lhe fazer, naquelas funções, porque, também, o relacionamento com ratos aqui correm no fio da luz elétrica, correm como um diabo, como se fosse uma rodovia. Você tem em casa gato e cachorro que dormem juntos, não tem para onde fugir, então, o condicionamento é generalizado. Então, eu acho que essa ditadura das águas é porque você tem sempre água, porque água para nós traz a vida, traz o peixe, quando falta água não tem outra sobrevivência.

JF: E o gado?

G: E o gado também, porque o gado dependerá também da água como chega, se a água chega aos poucos, como deveria crescer, tem meio metro de água, o capim cresce meio metro - é um pinga, um metro e vinte é um pinguinho, mas cresce de vez, cobre e cobre mata. Se vem uma enxurrada muito forte que cobre o capim, o capim morre. Pelo contrário, se cresce aos poucos, o capim cresce junto. Então, veja, o desenvolvimento da natureza, está ligado com o crescimento e desenvolvimento da água.

JF: E como é a questão do roubo de gado no Marajó, aqui por essa banda existe muito?

G: Tinha muito, agora diminuiu, diminuiu por causa... agora aqui se transformou em pirataria. No meu tempo, não tinha. Por exemplo, esse pessoal do interior que vem aqui para receber a aposentadoria, o salário, morre de medo de ser assaltado durante a viagem. Tinha uns bandos que depois desestruturaram, mata um aparece outro, esses que vão na beira do rio assaltam as casas, tiram geladeira, fogão, tiram tudo, roubam e deixam uma (?). Colocam nas embarcações pequenas, até em embarcações grandes, até barco da linha. O barco da linha teria que viajar com soldados armados, estavam lá de prontidão. E lá, também da parte da baía, também já existiu. Eu falava com um, que era ex-vereador que dizia: "meu motor é bom, eu acelerei, mas começaram atirar com metralhadora, então eu tive que parar, senão eu ia para o fundo". É uma forma nova, antigamente era muito difundida, porém no meu livro eu sustentei sempre uma idéia, alguém entendeu mal, muita gente não gostou: a fama generalizada é que os homens de Jenipapo são todos ladrões, essa fama existe, mas não é justo, não é Jenipapo que rouba, tem uns que roubam. E, geralmente, a meu ver, esse roubo de gado não é uma manifestação de pobreza, isto é, o homem pobre rouba. Aqui em Cachoeira, roubam demais, mas quem rouba não são os mortos de fome, são os malandros, roubam qualquer coisa, deixa um chinelo, te roubam o chinelo (...). É uma mania, esse molequinho que cresce, cresce com a mania de roubar o que encontra. Um dia tinha chegado uma visita, nós tínhamos colocado lá dentro, nem me lembro mais quem era, não tinha água, fomos ver, um tubo apareceu um pouco da terra, outro foi para arrancar, não conseguiu arrancar, conseguiu quebrar, a água tinha vazamento e não dava água. Então, é antigamente, no meu tempo, era muito forte. Então, eu digo: não é uma manifestação de pobreza, no sentido que o pobre rouba para comer. Eu sei os que roubam, eu co-

nhecia todos, mas é uma forma de exploração da pobreza, porque quem ganhava com o roubo de gado não eram os pobres, o pobre era a vítima, que ia lá roubar e depois praticamente ficava com nada, arriscava. Tem uns que financiam, vai roubar gado: vai roubar gado, o que é? Tem que matar a rês, tem que salgar na hora, senão não se conserva e este pessoal não tem dinheiro para comprar uma saca de sal, então o financiador lhe dá a saca de sal, você traz aqui e bota na geleira ou no barco do marreteiro e depois te pagam, e muitas vezes nem volta. Era desta forma, depois de um certo ponto, a carne ficou tão barata, que não compensava mais e ficou quase desaparecido, agora, parece que começou de novo. Mas antes sim, era em grande estilo, porque depois mudou o sistema, antes era aquele roubo feito de noite, escondido. Hoje passou a ser feito à maneira da rochinha, que chega chama um feitor, jogam tudo dentro da cozinha, trancam, pegam, escondem um cavalo e vão, já é banditismo. E depois, agora diz-que aparece aqui de novo, que vende carne, mas é uma coisa miúda, não é uma coisa em grande estilo. Antes, era toda uma embarcação cheia de gado que vão para Abaeté, aquele batedor em grande estilo, que recebem tudo.

JF: Sabe por que eu estou perguntando isso? É que numa das variantes da história da vaca ruça explica que quando os vaqueiros iam roubar o gado, ela aparecia como uma visagem no meio da boiada para proteger o rebanho.

G: Ah sim, porque tem o fato de que o roubo de gado é um fenômeno atávico. Quem começou fazer o roubo de gado foram os fazendeiros, que roubavam um do outro. Eu tinha aqui um livro que, infelizmente, neste momento, não tenho, pois quando veio aqui um redator da Veja para fazer um serviço sobre o Museu, ele tinha poucas noções, então eu lhe emprestei o livro. É Ferreira Penna, são dois volumes, um que fala do Marajó, são

"Escritos de Ferreira Penna", editado pela Secretaria de Cultura, há uns anos atrás. Ferreira Penna é do século passado, um grande escritor. Se puderem encontrar, ali tem um capítulo que fala do roubo de gado, que o roubo de gado começou com os fazendeiros e depois do fazendeiro passou para os outros, mas no começo eram os fazendeiros que roubavam um ao outro.

JF: Quer dizer que o roubo de gado no Marajó é uma atividade muito antiga, então tem sentido a criação do mito como elemento protetor da natureza, como no caso da história da vaca ruça?

G: Ah, sim, sim. Podia ser que viesse o vaqueiro que vinha a mando do dono, o cavalo também. Depois, o cavalo se proliferou tanto, que parecia uma praga. Os franceses que vinham comprar a crina e a cauda do cavalo. Então, matavam o cavalo e deixavam a carcaça lá, e aí era uma fedentina, porque tinha centenas de carcaças abandonadas, praticamente exterminaram a produção. Agora, temos que criar com esforço. Ele fala disso aí. É Ferreira Penna, não sei se o volume é primeiro ou o segundo, eu podia emprestar, mas só que o camarada não devolveu. Agora, não vou brigar, porque deve aparecer a matéria sobre o Museu. Ele veio no fim do ano e devia fazer esta publicação no número especial do milênio, que tinha sobre a Transbrasiliana, e (a fatia) do Marajó e até o fim. Só que a matéria era muita, ele me escreveu e me disse que achou que o material sobre o Museu era notável, valia a pena ser publicado. Agora, ele me escreveu e me disse: "eu estou empurrando a matéria, ela já está pronta". Agora, quando sair, eu digo: te lembra do meu livro?. Outro dia uma professora veio aqui, eu queria usar e descobri que não me mandou. Ele disse: "eu vou à Belém, vou ver se faço a xerox" Eu disse: olha, mas lá em Belém não dá tempo, porque ele ia fazer uma outra reportagem, vai lá com calma e me manda. Outro era um engenheiro que

fazia uma pesquisa, quando emprestei ele era novo, e quando me devolveu com todas as folhas soltas e tive que ir 3 vezes na firma, uma firma de levantamento topográfico para receber o tal livro.

E não é, sobretudo, não é a fome, porque conhecia na frente da minha casa, tinha dois, este roubava, este não roubava e vivia todos dois iguais. E quem roubava, não fica rico, porque o fruto do roubo se evapora logo. Sabe que tem que fazer uma farra, depois tem que pagar um, pagar outro, tem pagar a polícia, tem que pagar o intermediário, tem que pagar o informante. Agora, outro roubo de gado era assim na cidade. Tinha o problema que o gado invadia a cidade de noite, e, até Dalcídio Jurandir cita, diz que não é possível impedir, o gado passa por fora derruba a cerca, num certo ponto o gado começou a entrar aqui no bairro do (...) entrava, não saía. Quando descobriram de vez, praticamente parou. Porque era impossível, durante centenas de anos, de repente começar a roubar. Agora amoleceram, estão roubando de novo. O gado que entra dá muito prejuízo, entrava nos quintais, comia as coisas, né? Passou. E aqui do furto a gente vê que essas pessoas que roubam, roubam sem necessidade. Só para dar um exemplo concreto: quando a gente fazia a safra no Anajás, era um costume que pescador de Jenipapo iam no Anajás fazer a safra. Tinha que viajar um dia, depois tinha que passar um mês, esperar a baixada do peixe etc. Então, deviam passar por uma certa área, de passagem acharam que por ali era melhor, o fazendeiro disse não, não deixava passar. Então, eu fui lá com o pessoal para negociar, negociar. Me botavam na frente, quando chegava viajando, diziam "leva o Gallo, quem sabe ele não dá um pouco de leite". Eu servia como isca. Depois que fomos lá, ele tratou bem. Eu não conhecia este fazendeiro, mas ele já tinha ouvido falar de mim, então, me tratou bem. Eu disse: vou fazer assim, vamos fazer um trato, você pode vir pescar, passar na minha fazenda, eu autorizo numa condição: que o Gallo vem com vocês e estão todos juntos. Tudo

bem e nós fomos lá, e durante a viagem uma turma se separou e foi roubar uma porca do Moacir, que era o feitor de uma fazenda mais para lá e a gente sabia que ele não tinha precisão, porque no casco dele tinha muita carne salgada, que dois dias antes tinha roubado uma vaca e dado um churrasco. Tá vendo? Segredo no Marajó se espalha logo. Você vê é mania mesmo, esse aqui que roubava não é que seja mais digno do que o outro.

JF: Então, sabe-se quem são os ladrões, não se tem segredo...?

G: Sabe, sabe tudo, às vezes faz de conta que não sabe, mas se sabe muitas das coisas, isso aqui. Essa gente que rouba, que rouba muito, acaba tudo mal, não? Agora, tem perigo de pegar e atirar, aquele tiro, que tem também esses vigias, esses guardas ou esses pistoleiros como chamam (?). Outro dia tinha um vigia de uma fazenda, que veio com um rifle aqui na cidade e aí fazia confusão querendo atirar. Então, é marginal vestido de vigia. Como, por exemplo, em Sta. Cruz no tempo que o prefeito me perseguiu, os policiais eram todos marginais, a famosa banda do Bailique, não sei nem o que era isso, era uma turma, saía na rua com a escopeta na mão. Chegava: "Giovanni, vamos na delegacia". Saía na rua dando tiro, coisa de faroeste, toda hora eu estava na delegacia.

Depois, uma vez queriam me prender... (olha lá, pega aquele negócio, eu tinha perdido olha, eu vi agora. Estou fazendo os ícones. Este aqui é a santinha, mas não é isso, o outro era maior e deve estar em outro lugar). Então, o que eu dizia? O camarada tinha ordem do prefeito para me prender, tinha medo de me prender: "Vou telefonar ao Secretário de Segurança". Telefonou. E o outro diz esculhambando: "eu não te prendo, não te prendo, mas eu já sei, por tua culpa eu vou já perder o emprego". De fato, chegou o prefeito tranqüilo. Veio me abraçar e disse assim que o cretino de delegado que te prendeu. Era assim, conheço muitas pessoas que

tinha agradecimento, falava que ele tinha tirado do xadrez, mas não sabiam que era ele que tinha mandado prender. Então, nesse caso não me prendeu e despediu igualmente, ele sabe que se me prendesse, ou não me prendesse era a mesma coisa. Isso aqui... E, depois, a confusão que vem no pessoal, as informações são sempre misturadas. Tinha um fazendeiro que tinha muita raiva de mim, porque dizia que eu era chefe de quadilha, me chamavam "O espião da Cuba". Para outros, eu era chefe de ladrão, para outros, eu era puxa-saco do governo, para outros, espião da polícia. Eu sempre apanhei por todos os lados, pelas mesmas coisas, só com interpretações diferentes. (Pausa). Aproveita que o Gallo depois seca a fonte. Cada pessoa, com suas memórias.

JF: Fico impressionada com o montante de informações que tem no Museu. Quem começou a coletar esse material?

G: Ah, sim.

JF: Os 28 anos de trabalho estão ali.

G: Agora, nesse tempo de Cachoeira, muito pouco.

JF: É mais de Santa Cruz?

G: Santa Cruz, porque lá era uma convivência diferente.

JG: O Museu já existia em Santa Cruz?

G: Ah, sim. Ele nasceu em Santa Cruz.

JG: Na placa, a data de fundação está 87. Aqui em Cachoeira, não é?

G: Se abriu naquele ano. Na frente, onde tem uma tabuinha que pergunta: quantos anos tem a peça mais antiga do Museu? Em cima tem um negócio, você abre lá, que tudo tem que abrir, mostra a fotografia de como era o prédio aqui, quando eu consegui e como era a visão do Museu de Santa Cruz. Nós começamos lá, depois sim, o prefeito estava com raiva de mim, fez promessa de campanha, que surrava o Gallo, que expulsava o Gallo e destruiria o Museu, porque o Museu estragava a cidade. Eu chorar não ia, eu comprei um revólver e mandei um recado, eu sou fotógrafo, sou de boa pontaria.

JF: Como foi transportado esse Museu para cá?

G: Eu escrevi tudo no homem que implodiu. Você vai ler. Tem muita coisa pesada lá.

Agora foi assim, quando num certo tempo eu deparei que a situação ficava impossível. Porque eu agüentava, toda hora a polícia me pegava, botava lá, fazia um relatório. Me lembro que uma vez eu queria corrigir, porque tinha erro de gramática, de ortografia, horrível, mas depois vi que tinha que corrigir tudo, então vai logo. Assina logo assim. Ele, fundamentalmente, estava com raiva de mim, porque eu tinha muito ibope, muito cartaz, porque eu fazia as coisas, ele não fazia. Começou, desde o começo, a inventar história, tentando me inventar uma tal de namorada, me inventar um filho (e o filho que eu fiz, ninguém conta), tinha um papelzinho na mão, que eu tinha mandado uma moça, que convidava para passar a noite comigo, falava de política. E será que dá as duas coisas juntas, tão diferentes? Ele tentou tudo, e, depois, quando ele foi eleito prefeito, então entrou na guerra total. Antes era uma perseguição, mais ou menos, porque num certo período a prefeita era mulher, ele mandava, era eminência pará, porém numa forma mais disfarçada. E começou a dizer que o Museu estragava a cidade. Então me mandava prender, mandava prender os operários que trabalhavam, não tinha nenhum motivo. Depois, num certo ponto eu (toque do telefone)... Aqui uma coisa característica da comunicação marajoara, é que nunca é uma comunicação direta, sempre fazendo tabelinha. Você vem e pergunta: Pe. Giovanni, você tem uma caixa d'água? Você sabe que é uma pergunta supérflua, porque a caixa d'água é externa, logo se vê. Então, você não deveria polemizar, deve esperar que te conte. Eu digo: sim, tenho caixa d'água. Ela diz: tem um moleque que tinha subido lá em cima. Então, não me vai dizer direto aí. Então, um dia veio uma senhora, me

lembro bem, era a mulher de Seu Vicente, velhinha e falou: "Giovanni, tu dormes na rede?" (ora, ela tá vendo a rede, ela está pendurada lá). Eu digo: sim durmo na rede. "Ah, sim, olha padre, porém não deve deixar a rede pendurada lá, porque a gente sabe que você dorme nesta posição, você deve tirar a rede e toda noite quando for dormir, muda de posição". Era alguém que tinha organizado de me dar um tiro, então os amigos mandaram a velha para me dar o recado. Mas, ela disfarça e dá a volta, né? Então quando vi que era assim.... E depois começaram a perseguir os meus amigos. Tinha amigo meu, tudo bem, você tem o quintal grande, eu te tiro o quintal e boto uma casa, ela podia fazer, que de fato fazia o que ele bem queria. Uma vez, passou um.... na rua, ô seu filho da puta, caralho. Eu quase entrava. Você vê a minha situação fica delicada, se eu não reajo, eu sou um frouxo, eu não tenho mais o cartaz com a minha gente, você não vale não vale nada, nem defende a sua mãe. Então, se eu reagir, se eu reagir é só quebrar a cara, se não dou um tiro, arrebento a cara, eu a vinte anos atrás era mais forte, não tinha a perna bamba, dava para socar. Então, perdi o mandato de segurança, e depois de tanta luta, ele dizia o Museu é nosso, não pode levar nada. Então, eu fundei a Associação do Museu, fizemos a mudança de razão social e de endereço, destinando a nova sede em Cachoeira, porque o prefeito me ofereceu esta sede, que depois ofereceu uma coisa que não podia me dar, passei para aqui, mas quando cheguei aqui, descobri que o Museu não era dele, era brincadeira. Eu cheguei aqui com meus cacarecos e não sabia nem onde colocar. Tudo bem, e depois perdi o mandato de segurança porque era um problema também, eu vou, transporto o material quase tudo, muita coisa se estragou.

Algumas Indicações Bibliográficas sobre Amazônia/ Marajó

ACATAUASSU, Dita. *A mulher que sou*. Belém: Cejup, 1998.

_____. *Marajó, minha vida*. Belém: Cejup, 1998.

ALVAREZ, André [et. al.]. *História do Pará: das primeiras populações à cabanagem*. Belém: Seduc, 1997.

ALVES Filho, Armando et alli. *Pontos de história da Amazônia*. 3 ed. Belém: Pakatatu, v. I. 2001.

_____. *Pontos de história da Amazônia*. 2 ed. Belém: Pakatatu, v. II. 2000.

ACKERMANN, Fritz L. O lago Arari da ilha do Marajó e seus problemas. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 2, 1963.

ADONIAS, Isa. *A Cartografia da Região Amazônica. Catálogo Descritivo. (1500/1961)*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 1963. 2 vol.

ALMEIDA, Fernando F.M. Os fundamentos geológicos. In: *Brasil, A terra e homem, sob a direção de Aroldo de Azevedo*. São Paulo: Nacional, 1964. Vol I.

ANDRADE, Mário. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 29 ed. Belo Horizonte: Vila Rica, 1993.

_____. *O Turista Aprendiz*. 2 ed. Introdução e notas Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

COMISSAO Pró- Índio. *Antologia da Floresta: Literatura*. Seleccionada e ilustrada pelos professores indígenas do Acre. Rio Branco: Comissao Pró- Índio do Acre; Rio de Janeiro: Multiletra, 1997

ARAÚJO, Zeneida Lima. *Lendas da Amazônia*. Ilustrações: Marcelo Pimentel. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2001.

ARBEX JR, José; OLIC, Nelson Bacic. *O Brasil em regiões: Norte*. São Paulo; Moderna, 2000.

AZEVEDO, J. Lúcio de. *Os jesuítas no Grão - Pará: suas missões e colonizações*. Belém: Secult, 1999.

BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. *Ensaio Corográfico sobre a província do Pará*. Pará: Tipologia de Santos & menor, 1839.

_____. *Compêndio das Eras da Província do Pará*. Pará: Tipologia de Santos & Menor, 1838 [Reeditado recente pela UFPA].

BARBOSA, Maria de Nazaré. *Soure, Pedraço de Marajó*. Belém, 1997.

BARROSO, Antonio Emílio Vieira. *Marajó. Estudo Etnográfico, Geológico, Histórico sobre a Grandiosa Ilha da Foz do Amazonas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1954. v. 197.

BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. Tradução Regina Regis Junqueira; apresentação Mário Guimarães Ferri. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979.

BECKER, Bertha K. *Amazônia*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1998.

BETENDORF, João Felipe. Crônica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, Tomo LXXII, Parte I, 1910.

BOGÉA, José Arthur. *Bandolim do Diabo*. Belém: Pakatatu, 2003.

BRASIL. Marília Carvalho. *Marajó: em busca da sobrevivência*. Manaus: Fundação Joaquim Nabuco; Instituto de Estudos sobre a Amazônia-IESAN, 1999.

CARVALHO, Delgado de. O rio Amazonas e sua Bacia. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, ano IV, n. 2, 1942.

CALS, Suely. *Caldeirão da Bruxa*. Belém: CEJUP, 1997.

CARNEIRO, Edison. *A conquista da Amazônia*. Coleção Mauá. Ministério da Viação e Obras Públicas, 1956.

CASTRO, Fábio. *La formation historique du Marajó*, 2001 (inédito)

_____. *L' enigme des heréus du Marajó*, 2001 (inédito)

_____. *A formação econômico - social dos*

campos de Marajó, 2001 (inédito)

CRULS, Gastão. *Hiléia Amazônica*. Ed. Especial. São Paulo: Nacional, 1955. vol 6.

CUNHA, Euclides. *À margem da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos*. Seleção e coordenação Hildon Rocha. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2.000.

CRUZ, Miguel Evangelista Miranda da. *Marajó, essa imensidão de ilha*. São Paulo: MEM Cruz, 1987.

_____. Soure, *Pérola do arquipélago marajoara*. Belém: Mmlima Ltda, 1999.

DANIEL, João. Parte Segunda do Tesouro Descoberto no Rio Amazonas. *Revista Trimensal de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, tomo III, 1841.

DERBY, Orville A. A ilha do Marajó. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*. Pará, tomo II, 1897/1898.

D'INCAO, Maria Ângela & SILVEIRA, Isolda Maciel da. *A Amazônia e a Crise da Modernização*. Belém: Museu Paraense Emílio Goedi, 1994.

ENEIDA [de Moraes]. Ouçam os ruídos dos Jacumãs. In: *Cão da Madrugada*. São Paulo: José Olympio, 1954.

FAULHABER, Priscila. *O lago dos Espelhos. Etnografia do saber sobre a fronteira em Tefé/Amazonas*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

FARES, Josebel Akel... [et al]. *Texto e Pretexto: experiência de educação contextualizada a partir da literatura produzida por autores amazônicos*. 3 ed. Belém: Cejup, 1996 - v. I-II.

FARES, Josebel Akel. *Imagens da mitopoética amazônica: um memorial das matintas pereras*. Belém: UFPA, 1997. 180p. Dissertação de mestrado. (inédita).

_____. Rumores da mata amazônica. In: SIMÕES, S. (Org.). *Narrativa Oral e imaginário Amazônico*. Belém: UFPA, 1999.

_____. Imagens do sagrado em Contexto Amazônico. In: SIMÕES, S. (Org.). *Cultura e Biodiversidade, entre o rio e a floresta*. Belém: UFPA, 2001.

_____. O Museu do Marajó. Painel. In: SIMÕES, S. (Org.). *Cultura e Biodiversidade, entre o rio e a floresta*. Belém: UFPA, 2001.

_____. Mito, metamorfose e matinta. In: SIMÕES, S. (Org.). *Memória e comunidade: entre o rio e a floresta*. Belém: UFPA, 2000.

_____, FARES, Josse; NUNES, Paulo. Abrete Sésamo ou por uma Poética da Oralidade em Sala de Aula. *Revista Asas da Palavra*. Belém: Unama, vol. 4, n. 7, dez. 1997.

FARES, Josse, O entorno da serpente: um discurso do imaginário, tecido em verbo e imagens. In: FARES, Josse; NUNES, Paulo. *Pedras de Encantaria*. Belém: Unama, 2001.

_____. Pássaro Junino: cordão e entre-lugar do discurso amazônico. *Revista Asas da Palavra*, Belém: Unama, vol 4, n. 7, dez. 1997.

_____. O boto, um dândi das águas amazônicas. In *Moara. Estudos de narrativa oral*. Belém: UFPA., 1996, no. 5.

FEIO, Orlando. *Marajónia - Contos e Lendas do Marajó*. Belém, [199-?]

_____. *Os Arariaras: contos e lendas marajoaras*. Belém, 1995.

FERREIRA, Anete Costa. *A expedição de Pedro Teixeira. A sua importância para Portugal e o futuro da Amazônia*. Lisboa: Ésquilo, 2000.

FERREIRA PENNA, Domingos Soares. A ilha do Marajó. *Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Pará*. Pará, IHGEP, v.1, n. 1,2,3, 1900.

_____. Algumas palavras da língua dos Aruãs. *Arquivo do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: AMN, 1881.v. IV

_____. Índios de Marajó. *Arquivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: AMN, 1885. v. VI.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. *Pescado-*

res do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

GALLO, Giovanni. *Marajó, a ditadura da água*. Belém: Secult, 1980.

_____. *Motivos ornamentais da cerâmica marajoara*. 2 ed. Belém: O Museu do Marajó, 1996.

GALVÃO, Eduardo. *Guia das Exposições de Antropologia*. 2 ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1967. (Série "Guias", n. 1)

_____. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá - Baixo Amazonas*. 2 ed. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1976.

GOELDI, Emílio A. Estado atual dos conhecimentos sobre os índios do Brasil, especialmente sobre os índios da foz do Amazonas no passado e no presente. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*. Pará: MPHNE, tomo II, 1897/1898.

_____. Maravilhas da Natureza na Ilha de Marajó (Rio Amazonas). *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*. Pará: MPHNE, tomo III, 1900/1902.

GUAJARÁ, Barão de. Catequeses de Índios no Pará. *Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará*. Belém: APP, tomo II, 1902.

HART, Ch. F. A região de Breves. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*, Pará: MPHNE, tomo II., 1897/1898.

HUBER, J. Contribuição à Geografia Física dos Furos de Breves e da parte ocidental do Marajó. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*. Pará: MPHNE, tomo III, 1900/1902.

HURLEY, Jorge. No Domínio das Águas. In: *História da Pesca no Pará*. Pará: Instituto D. Macedo Costa, 1933.

_____. Ilha Grande de Joanes. CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 10. *Anais*. Rio de Janeiro, tomo II. 1952.

_____. Traços Cabanos. *Revista do Insti-*

tuto Histórico e Geográfico do Pará. Belém: IHGP, vol. X, 1936.

IMA, Madijadenicca. *Histórias dos Kulima*. Tradução e montagem de Abel O. Silva (Kanaú) São Paulo: Editora Gráfica, 1984 (Colaboração CIMI/AC e OXFAM).

JURANDIR, Dalcídio. Alguns aspectos da Ilha de Marajó. *Cultura Política*. Rio de Janeiro, ano 2, n. 14, 16, 1942.

_____. *Marajó*. 3 ed. Belém: Cejup, 1992.

_____. *Três Casas e Um Rio*. 3 ed. Belém: Cejup, 1994.

_____. *Chove nos campos de Cachoeira*. Edição crítica. Rosa Assis. 3 ed. Belém: Unama, 1998./Cejup, 1991

LAGE, Sandoval. A ilha que sobe. *Quadros da Amazônia*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas Espírito Santo, 1944.

_____. O Muiraquitã do Marajó. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, 5ª fase, ano 5, n. 15, 1945.

LA ROQUE, Jorge Pereira de. Viagem ao Amapá. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, ano 7, n. 2, 1950.

LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Viagem pelo Amazonas 1735-1745*. Seleção de textos, introdução e notas Hélène Minguet; tradução Maria Helena Franco Martins. São Paulo: Nova Fronteira/Edusp, 1992.

_____. *Viagem na América Meridional descendo o rio Amazonas*. Brasília: Senado Federal, 2000. Coleção O Brasil visto por Estrangeiros.

LE COINTE, Paul. As ilhas. In: *O Estado do Pará, a terra, a água e o ar*. São Paulo: Nacional, 1945.

LEONARDI, Victor. *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*. Brasília: Paralelo 15, EdUNB, 1999.

LEONEL, Maria Clarice et al. *Entre homens, arcanjos e encantados: (re)visitando Melgaço*. Belém: Umana, 2002.

LOUREIRO, João de Jesus. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: CEJUP, 1995.

MACIEL, Ana Amélia. *O manto do Marajó. Chaves: de aldeia dos índios aruan à cidade*. Imperatriz: Ética, 2000

MARAJÓ, Barão de. Ilhas e Lagos. In: *As Regiões Amazônicas. Estudos Corográficos dos Estados do Grão Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de Líbano da Silva, 1895.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: Cejup, 1995.

MENEZES, Murilo. A Capital do El Dorado. In: *Crônica sentimental de Belém e Comentários sobre alguns dos seus Problemas*. Belém, 1954.

MESTRE TOMAZ. *Marajó e suas histórias*. Belém: LUGRÁFICA, 2001

_____. *Verso em Rima de Prosa*. Belém: LUGRÁFICA, 1999 (?)

_____. *O valente Vilela*. Belém. LUGRÁFICA, 2001.

MIRANDA, Vicente Chermont de. Marajó. In: *Estudos sobre seu solo, seus animais e suas plantas*. Pará: Tip. Livro do Povo, 1894. fascículo 1.

_____. Os Campos de Marajó e sua flora considerados sob o ponto de vista pastoril. *Boletim do Museu de História Natural e Etnografia*. Pará: MPHNE, v. 5, n.1., 1907/1908.

_____. Moléstia que afetam os animais domésticos mormente o gado da Ilha de Marajó. *Boletim do Museu Goeldi de História Natural e Etnografia*. Pará: MPHNE, tomo IV, 1904/1906

MIRANDA NETO, Manoel José de. *A Foz do Rio-Mar. Subsídios para o Desenvolvimento de Marajó*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1968.

_____. *Marajó: desafio da Amazônia*. 2 ed. Belém: Cejup, 1993

MIYUI, Shenipabu. *História dos antigos*. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2000 (Organização dos Professores Indígenas do Acre)

MONTEIRO, Agostinho. A Pecuária na Amazônia e o Criatório do Búfalo. In: *Carta Mensal do CNC/SESC*. Rio de Ja-

neiro, ano 7, n. 74, 1961.

MONTEIRO, Alcidema et. al. *O espaço amazônico: sociedade & meio ambiente*. Belém: UFPA/NPI, 1997.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *O regatão (notícia histórica)*. Manaus: Ed. Planícies/Sergio Cardoso & Cia Ltda., 1958. Coleção Muiraquitã.

MORAIS, Pedro Bezerra da Rocha. Ilha do Marajó, sua origem. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*. Belém, ano 1, fasc. 1, 1917.

MORAIS, Péricles. *Os Intérpretes da Amazônia*. Manaus: Valer, Governo do Estado do Amazonas, 2001

MORAIS, Raimundo. *Anfitreatro Amazônico*. São Paulo: Melhoramentos, [193-?]

_____. *País das Pedras, Verdes*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1931.

_____. *Aluvião*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

MOREIRA, Eidorfe. *Obras Reunidas de Eidorfe Moreira*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, Secretaria de Estado de Educação, CEJUP, 1989. v. 1, 2, 4, 5, 7, 8.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. *O Teatro Que O Povo Cria: Cordão de Pássaros. Cordão de Bichos, Pássaros Juninos do Pará - Da Dramaturgia ao Espetáculo*. Belém: SECULT, 1997.

MUNDURUKU, Daniel. *As serpentes que roubaram a noite e outro mitos. Ilustrações das crianças Munduruku da aldeia Kato*. São Paulo: Petrópolis, 2001. (Coleção memórias ancestrais: Povo Munduruku)

NERY, Barão de Santa-Anna. *O País das Amazonas*. Tradução Ana Mazur Spira. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

NUNES, Carlos Ernani Palheta. *Marajó, paraíso dos milênios: sabores, raízes e flores de um fruto marajoara*. São Paulo: C.E.P. Nunes, 2000.

NUNES, Paulo Jorge. Aquonarrativa: uma leitura de Chove nos campos de Cachoeira de Dalcídio Jurandir. In: FARES,

Josse; NUNES, Paulo. *Pedras de Encantaria*. Belém: Unama, 2001.

_____. Belém e seus encantos de cobra, uma leitura-audição fragmentada da cidade. In: *Moara. Estudos de narrativa oral*. Belém: UFPA, n. 5., 1996.

Os rios e a floresta. Amazonas e Pará. Seleção de Contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens. Seleção, introdução e notas Ernani Silva Bruno, organização Doaulas Riedel. São Paulo: Cutrix, 1958. (Histórias e Paisagens do Brasil).

PALMA MUNIZ, João de. Delimitação Intermunicipal do Estado do Grão Pará. *Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará*. Pará, tomo 9, 1916.

_____. Adesão do Grão Pará à Independência. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*, ano 6, vol. IV, 1922/1923.

PANDOLFO, Clara. *Amazônia Brasileira*: ocupação, desenvolvimento e perspectivas atuais e futuras. Belém: CEJUP, 1994.

PAVAN, Clodowaldo (Org.). *Uma estratégia latino-americana para a Amazônia*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal; São Paulo: Memorial, 1996. (vols I, II, III).

PEREGRINO JUNIOR. Diário de uma viagem a Marajó. In: PROENÇA, Ivan Cavalcante (Org.). *Seleta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

_____. *A Mata Submersa e Outras Histórias da Amazônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

PEREIRA, Nunes. *A Ilha de Marajó - Estudo Econômico-social*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1956. Série Estudos Brasileiros, n. 8.

PINTO, Maria Madalena Vieira. Contribuição ao Estudo da Pesca na Região do Rio Arari (Ilha de Marajó). *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, ano 18, n. 3, 1956.

RAIOL, Domingos Antônio. *Motins Políticos ou História dos Principais Acontecimentos Políticos da Província do Pará*

(1821/1835). Belém: UFPA, 1970. 3 v.

REFKALEFSKY, Violeta (Coord.). *Estudo e Problemas Amazônicos*. 2 ed. Belém: CEJUP, 1992.

REFKALEFSKY, Margareth. *Pássaros... Bordando sonhos: função dramática do figurino do Teatro dos Pássaros em Belém do Pará*. Belém: Instituto de Arte do Pará, 2001.

ROCHA, Francisco Bezerra de M. *A Indústria Pastoril e a Crise Alimentícia. Melhoramentos Projetados na Ilha de Marajó*. Pará: Tip. do Livro do Pará, 1893.

RODI, Maria do Rocio (Coord.) *Tembé, o céu dos índios* (cartilha). Belém, UEPA, 1999. Série Etnoastronomia).

SANTOS, Walmir Hugo dos & FALESI, Ítalo Cláudio. Contribuição ao Estudo dos Solos de Marajó - Fazendas Espírito Santo. *Boletim Técnico do Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Norte*. Belém: IPEAN, n.45, 1964.

SALLES, Vicente. *Épocas do teatro no Grão - Pará ou Apresentação do teatro de época*. Belém: UFPA, 1994. 2 v.

_____. *O Conto Popular Paraense: narrativa oral e imaginário amazônico*. n. 27. Brasília: Micro Edição do autor, 2000.

SILVA, Inácio Acioli de Cerqueira e. *Corografia Paraense ou Descrição Física, Histórica e Política da Província do Gram-Pará*. Bahia: Tipografia do Diário, 1833.

SILVA, Maria do P. Socorro Cardoso. *Estudo Semântico - lexical com vistas ao Atlas Lingüístico da Mesorregião do Marajó/Pa*. São Paulo: USP/FFLCH, 2000. Tese de doutoramento.

SIMÕES, Socorro (Org.). *O Marajó: um arquipélago sob a ótica da cultura e da biodiversidade*. Belém: UFPA, 2002.

SOARES, Lúcio de Castro. *Vaqueiros de Marajó*. In: *Tipos e Aspectos do Brasil*. 8 ed. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1966.

_____. *Hidrografia*. In: *Em Geografia do Brasil - Grande Região Norte*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1959.

_____. Amazônia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA, 18. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1963. (Guia de excursão n. 8).

SOUBLIN, Jean. *Historie de l'Amazonie*. Paris VI: Payot&Rivages, 2000.

SOUZA, Inglês. *Contos Amazônicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988.

_____. *História de um pescador: cenas da vida do Amazonas*. 2 ed. Belém: FCPTN/SECULT, 1990. Projeto Lendo o Pará, n. 8 (1 ed. 1876).

SOUZA, Márcio. *Breve História da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

SOUZA, Maria de Fátima Cravo de (Org). *História da Amazônia: Pará*. Belém: Cejup, 1994.

TEIXEIRA, José Ferreira. O Arquipélago de Marajó. In: *Congresso brasileiro de geografia*, X. *Anais*. Rio de Janeiro, v. 3. 1952. Separata.

TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão-Pará - Instantes e evocações da cidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

_____. *Amazônia: natureza, homem e tempo*. 2 ed. rev.e aum. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército e Civilização Brasileira, 1982.

_____. *Marajó*. Projeto editorial, fotografias e legendas José de Paula Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1994. (Texto em português e inglês).

VERÍSSIMO, José. *A Pesca na Amazônia*. Rio de Janeiro; S. Paulo: Livraria Clássica, 1895.

VIANA, João. *A Fazenda Aparecida*. Belém: SECULT, 1998

VIEIRA, Gatão. Folclore Marajoara. *Cultura Política*. Rio de Janeiro, ano 3, n. 26, 1943.

UGGÉ, Henrique. *As bonitas histórias de Sateré-Maué*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 198?

WALLACE, Alfred Russel. *Viagem pelos rios Amazonas e Negro*. Tradução Eugênio Amado; apresentação Mario Guima-

rães Ferri. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1979.

5. Dicionário, Vocabulários, Enciclopédias, Coleções.

ASSIS, Rosa. *O vocabulário popular em Dalcídio Jurandir*. Belém: UFPA, 1992

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. Prefácio e estudo de Antônio Houaiss. 5 ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: UNB, 1999.

GRENAND, Françoise; FERREIRA, Epaminondas Henrique. *Pequeno dicionário da língua geral*. Manaus: Seduc, 1989. (Série: Amazonas Cultura Regional).

LESSA, C. Ribeiro. *Vocabulário de Caça*. São Paulo: Companhia Nacional, 1944.

MIRANDA, Vicente Chermont. *Glossário Pareense*. Belém: UFPA, 1968

OLIVEIRA, Odaísa. *Vocabulário terminológico cultural da Amazônia paraense*. Belém: UFPA.

SOBRAL, Raymundo Mário. *Dicionário Papachibé. A língua paraense*. 5 ed. Belém: Fumbel, 1996: v.1. ,2, 3

6. Periódicos

Asas da Palavra, Belém : Unama, (Todos os números)

Espia Marajó. Catálogo de exposição fotográfica, fotos Márcio lima, Octávio Cardoso, Walda Marques, peças do acervo d' O museu do Marajó, Giovanni Gallo; textos Giovanni Gallo, Orlando Maneschy, entre outros. Belém: Fundação Rômulo Maiorana, Galeria da residência, 2002.

Moara. Estudos de Narrativas Oral. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras. Belém: UFPA, abri-set, 1996. n.5.

Nosso Pará: História. Belém: Agência Ver. Número 01.

Nosso Pará: O Homem e a Natureza. Belém: Agência Ver. Número 02.

Nosso Pará: A riqueza cultural. Belém: Agência Ver. Número 04. Setembro/1997.

Ver-O-Pará: Marajó, Marajó II, n.17 e 19, ano 8, jan/mar e set/out., 2000.

Umanazônia: órgão noticioso, crítico, cultural, consagrado à integração Latino-americana . v. 1, n.0 (jun./1998). Belém: SECULT, 1998.

O Coruja - órgão de divulgação da Ilha do Marajó e do Baixo Tocantins, número 45, 25/03 a 25/04/01.

7. Alguns Sites

<http://www.ecovirtual.com.br/rios.htm> (A pesca em rios e lagos).

<http://www.prodepa.gov.br//indecono/indmaraj.htm> (Mapas).

<http://www.tvliberal.com.br//jlm2/materias/1998/11/23jl2c.htm> (Roubo de gado no Marajó).

<http://www.nautilus.com.br/ribeiro> (Vocabulário marajoara/Cidades do Marajó).

<http://www.ibge.net>

www.edinfor.pt/anc/anci-gps.html

www.museudomarajo.com.br

Josebel Akel Fares

Doutora em comunicação e Semiótica (PUC/SP). Prof^a do departamento de Artes e do Mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará. Pesquisadora de poéticas orais e coordenadora do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CNPq).

Recebido em 30/09/2006

Aceito para publicação em 30/12/2006

